

A responsabilidade de Aureliano

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Numa entrevista exclusiva ao Estado, em fevereiro, o governador Miguel Arraes criticou a pulverização das esquerdas nas candidaturas Brizola, Lula, Covas e Ulysses, advertindo que a direita seguiria unida e o vitorioso seria Jânio Quadros. Soou surpreendente, quase absurdo, pois partia de um governador do PMDB e historicamente comprometido com a esquerda. Na falta de uma interpretação melhor, prevaleceu na época a de que Arraes se oferecia como alternativa consensual à sucessão.

Passados quatro meses, está evidente que o governador acertou no diagnóstico — mas errou no resultado: em vez de Jânio, defasado na velocidade da campanha, está dando Fernando Collor de Mello, ágil ao entrar no único vácuo significativo da corrida sucessória.

A partir de fevereiro, a pulverização ficou ainda mais nítida. Leonel Brizola e Luiz Ignácio Lula da Silva romperam o que parecia ser um pacto tácito de não agressão. O PMDB se projetou ruidosamente para a esquerda. Os tucanos não conseguiram voar para o centro, amarrados por questiúnculas internas muito pouco pragmáticas num ano eleitoral. Roberto Freire sempre foi um caso à parte. E a direita continuou sem um grande candidato até a grande surpresa Collor.

Ronaldo Caiado é excessivamente rural para um jogo político armado a partir dos grandes centros urbanos. Afif Domingos não expandiu os horizontes de sua candidatura além dos estreitos limites das associações comerciais. Paulo Maluf amarga, entre outros contras, o desgaste de três derrotas consecutivas. Affonso Camargo precisa, antes de mais nada, passar pelo PTB.

Aureliano Chaves poderia ser o trunfo na manga do governo, da elite empresarial e das

forças políticas de centro-direita, mas tem dificuldade de se impor, principalmente por três fatores. O primeiro é o, aparentemente irreversível, declínio nas pesquisas eleitorais, que, em 1984, chegaram a lhe conferir 46% da preferência popular. O segundo é a falta de unidade do PFL. O terceiro, e decisivo, é a vulnerabilidade do terreno mineiro, onde Collor acaba de pisar com alguma segurança sob o amparo do senador Itamar Franco e da vice-governadora Júnia Marise, do PMDB.

Esses fatores foram servidos, ontem, no Rio, durante o almoço de Aureliano com o ex-presidente Ernesto Geisel e o ex-ministro Armando Falcão. Se não chegou a admitir sua intenção de abandonar a sucessão, Aureliano também não se mostrou otimista nem confiante. Ao perder o timing de sua saída do Ministério das Minas e Energia, ele agora sabe que perdeu também a opinião pública, amplos setores antes engajados na sua eleição e até o entusiasmo do próprio Geisel. Não satisfeito, Aureliano aceitou o duvidoso apoio do governo Sarney em sua campanha.

A sua capacidade de transferência de votos, em caso de renúncia, é considerada precária numa eleição movida pela mídia e cercada pelos interesses eleitorais de 1990: seus maiores elogios vão para Ulysses, que é tudo o que as bases pefelistas rejeitam. A informação de que Aureliano poderia desistir foi divulgada simultaneamente com um manifesto parlamentarista de Jânio. "Foi coincidência", juram aurelianistas e janistas, apesar de o PFL sempre ser considerado como a alavanca potencial de Jânio na sucessão.

Assim, se Aureliano renunciar à candidatura prematuramente, poderá consolidar o favoritismo de Collor, até agora, o grande beneficiário da pulverização das esquerdas que Arraes tanto temia.